

PERFORMANCES ENDÊMICAS NO MERCADO DO VER-O-PESO, BELÉM DO PARÁ

SILVIA LAURA COSTA CARDOSO
ALEXANDRE SÓCRATES A. DE ALMEIDA LINS
ROBERTO MARTINS e SILVIO LIMA FIGUEIREDO

silvialaura19@gmail.com
asaalins@yahoo.com.br
pesquisanasilhas2@yahoo.com.br
slima@ufpa.br

RESUMO ABSTRACT

Este artigo objetiva identificar as relações sociais no Mercado do Ver-o-Peso, em Belém do Pará, por meio de uma pesquisa exploratória evidenciando sua perspectiva situacional, que faz desse espaço público um mercado de bens simbólicos. Os dados para este artigo foram obtidos por meio da pesquisa-ação. Baseando-se na metáfora teatral de Goffman (2010), constatou-se que espaços públicos como o Mercado do Ver-o-Peso não são pautados por uma lógica puramente econômica a partir de um centro irradiador de objetivos racionalmente definidos. Ao contrário, o espaço público neste artigo é entendido como um teatro de arena, onde todos os atores sociais desenvolvem suas performances em um contexto relacional, que coloca a situação em evidência.

This article aims to perceive the social relations in the Ver-o-Peso Market, in Belém do Pará, through an exploratory research evidencing its situational perspective, that makes of this public space a market of symbolic goods. The data for this article were obtained through action research. Based on Goffman's theatrical metaphor (2010), it was found that public spaces such as the Ver-o-Peso Market are not based on a purely economic logic from a radiating center of rationally defined objectives. On the contrary, the public space in this article is understood as a theater of arena, where all the social actors develop their performances in a relational context, that puts the situation in evidence.

Palavras chave Key-words

Paisagens, performances, co-presença.
arena pública.

Landscapes, performances, co-presence.
sociability, public arena.



A CIDADE É UM DOS principais artefatos produzidos pelo homem, serve de habitação para as pessoas, de palco para a cena, a produção de eventos e de espetáculos e, além de produto, ela é produtora de relações sociais. A cidade é assim, uma estrutura híbrida e complexa.

As cidades na chamada “pós-modernidade” apresentam algumas características, nas quais é possível entender que seu espaço público é percebido inicialmente como funcional, e mais ainda, o espaço público possui dupla função (FIGUEIREDO, 2008). A primeira função está voltada à

disponibilidade de opções de lazer aos moradores, processos de sociabilidade, garantindo o bom funcionamento da engrenagem urbana, calcada na dicotomia trabalho/lazer. A segunda função relaciona-se a um lugar de referência da cultura, divertimento, entretenimento, como uma amostra dos “produtos” simbólicos que a sociedade tem e é para lá que se dirigem os visitantes da cidade que querem ver o que pode ser classificado como identitário do lugar (obras, arte, exposições, etc.), na verdade típico do lugar. Essa dupla função é incorporada pelo planejamento urbano e, pelas políticas públicas de gestão da cidade que em setores ligados ao meio ambiente, cultura, esporte e turismo garantem a refuncionalização e produção desses espaços, em vários locais e das mais variadas formas (FIGUEIREDO, 2008).

No século XVIII, Belém era o maior entreposto comercial da região sendo o centro do comércio de produtos oriundos da extração da floresta amazônica, com destino aos mercados locais e internacionais e o principal ponto de chegada dos produtos europeus para suprir o mercado regional. Inaugurada em 1625, no antigo Porto do Piri, a Casa de “Haver o Peso”, que inicialmente era apenas um ponto de aferição dos produtos e arrecadação de impostos (SARGES, 2010). O conjunto arquitetônico e paisagístico foi tombado pelo IPHAN em 1977.

O Mercado do Ver-o-Peso, conhecido como “cartão postal” de Belém do Pará, é um espaço público de grande significação para a população da cidade amazônica, tanto em aspecto econômico e turístico, como cultural e simbólico (material e imaterial). Essa significação foi construída historicamente e de forma imbricada com a vida da cidade tornando-se uma espécie de síntese de sua cultura. O mercado do Ver-o-Peso não é, portanto, somente um espaço de compra e venda de produtos regionais e demais mercadorias. Sua significação para a cidade implica convergência de sentidos e práticas em relações de continuidade espaço-temporais.

Para entender as relações sociais que ocorrem no Ver-o-Peso este trabalho realizou uma observação atenta das complexas teias que fazem desse espaço um mosaico da vida associativa de Belém. Tomou-se como base a perspectiva da microssociologia, que estuda a natureza das interações sociais humanas cotidianas. Os dados para este artigo foram obtidos por meio da pesquisa-ação. A pesquisa ao mercado aconteceu em uma manhã de sábado, 15 de novembro de 2014, feriado da Proclamação da República. O objetivo foi observar as diferentes performances, a co-presença, as cenas e o espetáculo que se faziam presentes na arena pública urbana, ou seja, no cenário do Mercado do Ver-o-Peso. A partir dessa pesquisa-ação pretendeu-se cruzar as descrições com o referencial teórico principal, o conceito de “arena pública”, entendida como categoria simbólica e como espaço físico, ou seja, local onde ocorrem as relações (GOFFMAN, 2010).

O objetivo deste artigo é identificar essas relações por meio de uma pesquisa exploratória evidenciando sua perspectiva situacional, que faz desse espaço público um mercado de bens simbólicos, onde perpassam relações de amizade, confiança, camaradagem, jocosidade, fofoca etc. Referenda-se assim o paradigma teórico de que nem todas as ações humanas são regidas por lógicas racionais, o que demonstra que outras lógicas também determinam o social.

Neste texto, o entendimento de *situação* está relacionado “ao ambiente espacial completo em que ao adentrar uma pessoa se torna um membro do ajuntamento que está presente, ou que então se constitui” (GOFFMAN, 2010, p. 28).

PAISAGENS, CHEIROS, SABORES E SABERES DO MERCADO DO VER-O-PESO.

Naquele dia, as lojas do centro comercial estavam fechadas. Porém, o mercado do Ver-o-Peso, manteve-se como cenário de espetáculos, cenas, paisagens, performances, cores, cheiros, sabores e saberes. O lugar é palco do encontro entre amigos, da interação entre feirantes

e da co-presença do público em geral (comerciantes, atacadistas e varejistas, donos de restaurantes, moradores, turistas, estudantes, pesquisadores, poder público, ribeirinhos, prostitutas, etc.), que vivenciam o espetáculo da arena pública. (Il. 1)

Segundo Joseph (2004), o Ver-o-Peso, é um mercado popular e ao mesmo tempo um patrimônio arquitetônico, sendo um verdadeiro espaço de atração. As práticas no espaço público, a densidade e a mistura das populações que o frequentam tornam este mercado um centro, um lugar de movimento da cidade.



Il. 1: Mercado do Ver-o-Peso.
Fonte: Cardoso, 2018.

Apesar de ser um lugar singular na cidade de Belém, com conteúdo material e imaterial, o Ver-o-Peso não pode ser encarado como espaço de compreensão única. Como nos conta Leite (2004), a diversificação simbólica dos lugares urbanos contemporâneos resulta em uma polissemia do lugar, permitindo que um mesmo espaço possa ser configurado de modo híbrido como diferentes lugares.

O espaço urbano, culturalmente construído é evidenciado através da produção de símbolos que se definem através de códigos, os quais não incluem apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, o ritual, a cerimônia, a música, a dança e as construções (COSGROVE, 2003, p. 103). A paisagem urbana formada por mercados, praças, hortos, bosques, jardins, parques é uma paisagem cultural, onde o homem por meio de sua *praxis*¹ transforma a paisagem do mundo natural em um mundo artificial e adaptado, onde a paisagem natural passa a ser cultural, pois sofreu diversas interferências (SOUZA e BAHL, 2013, p. 3).

Neste sentido, identificar e reconhecer lugares como o Ver-o-Peso implica (...) *uma operação seletiva, cujo primeiro passo é a localização de formas dispersas de demarcações espaço-temporais e de suas fronteiras* (LEITE, 2004, p. 294). Assim, um lugar retém as qualidades de movimento tempo e trajetória e implica sentidos construídos e praticados (*Idem*). Vale dizer que esses sentidos são construídos com base nas relações face a face cotidianas, sempre implicadas em uma situação.

Nossa trajetória no Ver-o-Peso teve início na Praça do Pescador, por volta das nove horas da manhã. A primeira cena avistada foi de um pequeno grupo de senhores e senhoras apreciando um culto evangélico que acontecia ali. Contracenando com estes identificamos a *performance* de um senhor aparentando cinquenta e nove anos, jogado ao chão, mesmo diante de sol forte. Nas redondezas da Praça do Pescador alguns poucos transeuntes se dirigiam ao Porto Hidroviário, que transporta a população belenense e turistas em embarcações

regionais denominadas “pô-pô-pô” pelo rio Guamá, com destino para vários municípios paraenses, como por exemplo, Barcarena.

Vale dizer que o cenário tanto da Praça do Pescador como do Porto Hidroviário e do rio Guamá, pouco mais de uma hora depois, apresentavam cenas completamente diferentes. O primeiro lugar recebia agora apresentação musical do grupo peruano “Los Latinos”. Essa nova *performance* compôs ali uma nova arena pública urbana com um público bastante heterogêneo (feirantes, ambulantes, moradores de rua, visitantes e turistas que circulavam o mercado naquela manhã) de cerca de cem pessoas que se concentrava em uma disposição de semicírculo diante dos músicos. A maioria observava a apresentação de pé, outras se deliciavam e se movimentavam ao embalo das canções. Já o Porto Hidroviário, apresentava uma fila que crescia a cada minuto, com pessoas esperando a hora apropriada da maré para embarcar no “pô-pô-pô”. Esse pequeno exemplo demonstra como esses espaços do Mercado do Ver-o-Peso – Praça do Pescador, Porto Hidroviário e o rio Guamá – apresentam paisagens, temporalidades e territorialidades distintas do contexto mais amplo do mercado.

Um pouco mais à frente observamos os quiosques que vendem os produtos artesanais do Estado confeccionados em palha, o cheiro-do-Pará, a cerâmica marajoara e as lembrancinhas. O espaço é frequentado predominantemente por turistas, que naquela manhã se apresentavam em um grupo considerável no mercado do Ver-o-Peso. Na esteira dos tipos ideais de Weber, eles são facilmente identificados com roupas leves como bermudas, camisetas e chapéus e as tradicionais câmeras fotográficas.

Do outro lado dos quiosques de produtos artesanais, observamos os que comercializam diversos tipos de roupas, bolsas, mochilas, uniformes de times de futebol (Paysandu, Remo, Corinthians, São Paulo, Fluminense, dentre outros) e miudezas *made in China* penduradas em aramados e expostas para comercialização ali mesmo.

PAISAGENS HÍBRIDAS

Na calçada, próximo do meio fio, identificamos a co-presença dos transeuntes que circulavam no Mercado do Ver-o-Peso. Havia o ponto de parada de ônibus e os passageiros que ali aguardavam o transporte público que o levaria ao seu destino; o vendedor que utilizava a bicicleta para vender o “combinado”²; o palhaço que faz malabarismos para ganhar alguns trocados, o cantor de tecnobrega divulgando seu talento³, com sua “bikesom”⁴; o ônibus da agência de turismo – FAMTUR, com o grupo de turistas que veio conhecer e desfrutar os atrativos turísticos e as performances endêmicas no Mercado do Ver-o-Peso e os transeuntes (consumidores ou não) que se misturam com os ambulantes compondo as diferentes cenas naquela arena pública urbana. (Il. 2)



Il. 2: Transeuntes no cenário do Mercado do Ver-o-Peso
Fonte: Cardoso, 2018.

Os atrativos turísticos devem priorizar o desenvolvimento e a manutenção de seus acessos, equipamentos e serviços, pois relacionam-se com as motivações de viagens dos turistas e a avaliação que os mesmos fazem desses elementos (IGNARRA, 2001, p. 48). Os espaços urbanos conformam-se em atrativos turísticos quanto maior for seu caráter diferencial, sejam mercados, parques, jardins ou praças. Nesse sentido, o espaço turístico, apresenta nuances híbridas, pois se conforma pelo físico e pelo simbólico, produzindo trocas constantes entre si. Esses espaços também se constroem pelas expressões de seus visitantes, pelas relações que estabelecem com os lugares (CARDOSO, FIGUEIREDO, 2017).

A circulação dos transeuntes, segundo Joseph, (2000, p. 29) pode ser denominada como uma sucessão de acordos de visibilidade completamente ritualizados. Na medida em que a co-presença é tratada em si mesma, ela configura uma socialidade que se preocupa em “liberar a circulação”. Pode-se pensar aqui em todas as formas de acordos que regem a circulação de um pedestre ou nas diferentes formas de nos mantermos indiferentes à comportamentos que reprovamos, mas que são considerados de menor gravidade ou cuja ambiguidade preferimos enfatizar (JOSEPH, 2000, p. 30).

Em seguida nos adentramos pelos quiosques que comercializam alimentos (sopa de carne com legumes, mingau de farinha tapioca, mingau de milho e alguns pratos regionais, como por exemplo, o açai com peixe frito, a maniçoba e o tacacá). Observamos turistas que apreciavam o peixe frito regional e o açai – expostos no balcão para venda aos clientes que ali transitavam. Os peixes regionais de diferentes espécies acompanhavam o prato, à escolha e ao sabor do freguês.

Ao caminharmos avistamos as paisagens e as *performances* do Mercado de Peixes, com construção em *art nouveau*, que retrata o período áureo da borracha amazônica. Dentro identificamos a diversidade de espécies de peixes amazônicos (dourada, pescada amarela, pirarucu,

filhote, tucunaré, etc.) e camarões regionais. Havia um imenso pirarucu, medindo aproximadamente um metro e cinquenta centímetros e pesando oitenta quilos. Observamos que os produtos estavam expostos nos balcões, principalmente os peixes, e que não havia um acondicionamento frigorífico adequado para os produtos. Compondo a paisagem, além dos feirantes e dos consumidores, percebemos o “sagrado” e o “profano” representados pela presença, de um lado, da imagem da Virgem de Nazaré – “Padroeira da Amazônia” em uma pequena berlinda ornada com flores e, de outro lado, uma prostituta a espera de clientes.

Continuando nossa vivência no Mercado do Ver-o-Peso (Il.3), passamos pelo prédio Solar da Beira (Il. 4), construção em estilo neoclássico, também construído no período áureo da borracha amazônica, onde originalmente funcionou o órgão responsável pela fiscalização municipal. Atualmente, o espaço só abriga pequenos comércios no andar térreo como uma pequena loja de artigos de umbanda. Internamente estava funcionando como um depósito de containers da Secretaria Municipal de Saneamento (SESAN). Durante nossa visita, alguns turistas receosos com o aspecto abandonado do lugar aproveitaram para subir a escadaria e conhecer o espaço, que no segundo piso abrigava adolescentes deitados no chão, sob a supervisão distante de fiscais da Secretaria Municipal de Economia (SECON). (Il. 5)

Ao sairmos do prédio passamos pelos quiosques das ervas medicinais amazônicas, que vendem banhos feitos à base de plantas regionais, chás e remédios milagrosos de toda espécie utilizados como “rituais”⁵ para a cura de muitas doenças. Na barraca da “Dona Cheirosa” encontramos afrodisíacos, loções contra mau-olhado, amuletos da sorte e outras “bugigangas” que prometem atrair bons fluidos.

Na rua transversal, passamos pelo Mercado de Carne, com arquitetura em ferro que também remonta ao passado áureo da borracha amazônica. Lá estavam expostas carnes vermelhas, miúdos e aves. Na



Il. 3: Mercado de Ferro.
Fonte: Fotografia Cardoso, 2018.

Il. 4: Prédio Solar da Beira.
Fonte: Fotografia Cardoso, 2018.





Il. 5: Ervas Medicinais do Ver-o-Peso
 Fonte: Fotografia Cardoso, 2018.

rua ao lado do mercado de carne identificamos em várias barracas a comercialização de garrafas de tucupí⁶, pimenta de cheiro (amarela) e pimenta malagueta (vermelha), cheiro verde, legumes e vários tipos de frutos regionais vendidos in natura (manga, castanha-do-Pará, pupunha, bacuri, cupuaçu, taperebebá, muruci), e ainda, polpas de frutas. Também percebemos a presença do poder público⁷ no local fazendo a fiscalização e oferecendo uma “certa segurança” aos transeuntes do Mercado do Ver-o-Peso. (Il. 5)

Seguindo em direção à Feira do Açaí, passamos pelo cais do Ver-o-Peso, por volta das dez horas. Ali o cenário já era tranquilo, com pouca movimentação de pessoas, nem parecendo mais o mesmo da madrugada, quando fica lotado de pessoas comercializando seus produtos (na maioria atravessadores). (Il. 6)



Il. 6: Pedra do Peixe Ver-o-Peso
Fonte: Fotografia Cardoso, 2018.

Isaac Joseph visitou Belém em 2004, e descreveu o espetáculo do cais do Mercado do Ver-o-Peso assim:

[...] nos primeiros raios de sol os barcos pesqueiros acostam e descarregam suas toneladas de peixe [...] embarcações pesqueiras de maior porte enfileiram-se no canal estreito, provocando grande movimentação no mundo de gente que quer estar nas primeiras barracas do cais, assim que o peixe for descarregado. É fácil ficar para trás diante da agitação atabalhoada dos rapazes que carregam pesadas caixas de madeira na cabeça [...] A multidão se comprime, ninguém quer atrapalhar. Entretanto, é preciso chegar à beira para conseguir avistar a enseada e tentar compreender o que acontece por trás das fileiras de curiosos, comerciantes, atacadistas e varejistas, donos de restaurantes, moradores, que vem fazer compras e apreciar o espetáculo. Não chega ser um porto, apenas um ancoradouro: as embarcações se revezam para descarregar toneladas de peixes de rio [...]. (JOSEPH, 2004, p. 46).

Quando passamos pelo local estava acontecendo a lavagem do cais do Ver-o-Peso, para minimizar o forte odor deixado pelos produtos ali comercializados desde a madrugada. Havia a presença de urubus e garças nas margens do rio Guamá, que àquela hora estava com a maré baixa e disputavam as carcaças dos peixes e o lixo jogados na enseada.

O CASO DOS PEIXEIROS DO MERCADO DO VER-O-PESO

Como que ajustando o foco de uma lente em uma câmera, deslocamos agora nosso olhar para um quadro específico do Ver-o-Peso: a dos peixeiros na Feira do Açaí, no fim da manhã do dia 15 de novembro de 2014. Essa parte do Mercado do Ver-o-Peso, apresenta outra paisagem e registra bem a organicidade das relações entre o espaço urbano da feira com as populações ribeirinhas. Ali a ida e vinda de pequenas e

médias embarcações é intensa com as ilhas da parte insular da cidade para compra e venda de produtos regionais: açaí, frutas, verduras, peixe etc. Esse movimento estabelece relações entre esses grupos de pessoas com performances diferenciadas nas negociações de seus produtos: os ribeirinhos precisam realizar as negociações rapidamente para transformar seus produtos em dinheiro, fazer suas compras e retornar para seu cotidiano enquanto os compradores (na maioria atravessadores) tem como objetivo o menor preço a fim de “alargar” sua margem de lucro. O resultado é uma intensa negociação num curto espaço de tempo.

No caso dos vendedores de peixe observamos uma prática diferenciada. Eles fazem suas negociações durante a madrugada (como os demais). Depois, para aliviar o *stress*, no fim da manhã estavam reunidos num local isolado nos fundos da feira do açaí em divertida “jogatina” (baralho e dominó) regada a cerveja num cenário tranquilo e divertido contrastando com a cena fervilhante no espaço da feira. O motivo daquele comportamento diferenciado na cena observada, estava relacionado a questão da temporalidade em relação ao movimento das marés na Amazônia, pois eles aguardavam a melhor posição das marés para o retorno ao alto mar, a fim de retomar seu trabalho na pesca.

Como essa situação não ocorre com frequência, o grupo aproveitava para confraternizar com colegas e conhecidos no espaço durante o dia para logo voltar ao “batente”. A situação desse grupo foi percebida na perspectiva que Goffman denomina “ajuntamento”, que se refere a *qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos cujos membros incluem todos e apenas aqueles que estão na presença imediata uns dos outros num dado momento* (GOFFMAN, 2010, p. 28).

Esse grupo tinha, na sua *performance*, uma atuação diferenciada em relação ao restante dos atores, que dedicavam freneticamente à compra e venda de produtos. Para os peixeiros, naquele horário, o mais importante era o *flaneur* usufruir, o que foi obtido durante a madrugada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseando-se na metáfora teatral de Goffman (2010), constatou-se que espaços públicos como o Mercado do Ver-o-Peso não são pautados por uma lógica puramente econômica a partir de um centro irradiador de objetivos racionalmente definidos. Ao contrário o espaço público aqui é entendido como um teatro de arena, onde todos os atores sociais (pedestres, feirantes, agentes públicos, clientes, turistas, ambulantes, artistas, prostitutas, moradores de rua, etc) desenvolvem suas performances em um contexto relacional, que coloca a situação em evidência. Essa situação, bem entendida, é marcada pelo encontro do ator com outro em uma interação face a face que pode gerar constrangimentos ou não. Assim, percebeu-se que a co-presença deixa as pessoas mais acessíveis, disponíveis e sujeitas umas às outras sendo, portanto, uma forma de gerar sociabilidades.

Ao fim deste artigo, percebeu-se a relevância de observar o comportamento das pessoas em lugares (arenas) públicos (as). Mais do que uma simples descrição de paisagens, cenários e comportamentos banais, observar as performances na arena é perceber que existem relações sociais que estão além da oposição superestrutura versus infraestrutura. Essa abordagem nos ensina que as performances estão sim no âmbito do conflito, mas buscam a aceitação, caso contrário recairiam em uma estigmatização.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. L. C.; FIGUEIREDO, S. L. Jardins Botânicos e a Relação com a Cidade: Gestão e turismo no Jardim Botânico de Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil. In: *// SIALAT - Seminário Internacional América Latina: Políticas e conflitos contemporâneos*, Belém. Anais. Belém, Universidade Federal do Pará/NAEA, 2017.

FIGUEIREDO, S. L. 2008. Espaços de Cultura nas Cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. In: FIGUEIREDO, S.L. (Org.). *Turismo, lazer e planejamento urbano e regional*. UFGA/NAEA, Belém, 200p.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petropolis, RJ: Vozes, 2010.

JOSEPH, Isaac. *Erving Goffmann e a Microsociologia*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2000.

_____, *Belém: paisagem, coisa pública*. Relatório Espaços Públicos e Serviços Públicos em Belém, 2004, p. 41-90.

IGNARRA, L. R. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown *In: Revista brasileira. Ciências. Socias.* [online]. 2002, vol.17, n.49, p.115-134.

LEITE, R. P. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p.284-319.

SOUZA, S. do R. de; BAHL, M. O urbano e a produção simbólica do espaço. *In: Revista Espacios*. v. 34, n. 1, março, 2013. 11-30. Disponível:<<http://www.revistaespacios.com>>. Acesso: 05.fev.2018

SARGES, M. de N. *Belém: Riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3. ed. Belém: Paka-Tatu, 2010, 212 p.

TRINDADE Jr, Saint-Clair C. da. Patrimônios, Vivências e Representações do Espaço em Políticas de Requalificação Urbana na Amazônia *In: Espaço & geografia*, vol. 16, nº 2 (2013), 483:513. ISSN: 1516-9375

NOTAS

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² É a ação prática do ser humano que em relação dialética com a teoria é por ele iluminada e a ilumina, ou ainda, a teoria não reduz a prática, mas a complementa e também a faz avançar, realizando-se sempre através da ação humana, é, portanto, a [...] *atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano* [...] *atividade humana que produz objetos, sem que por outro lado essa atividade seja concebida com o caráter estritamente utilitário* (VASQUEZ, 1968, p.3).

³ Suco e salgado por um preço acessível.

⁴ Estilo musical bastante tocado nas festas de aparelhagens no estado do Pará.

⁵ Fruto negro, de sabor exótico, que é servido em forma de suco consistente, acompanhado de farinha d'água ou farinha de tapioca – os caroços de açaí são triturados em máquina própria. O fruto faz parte da gastronomia paraense e é bastante consumido pela população.

- ⁶ O ritual é um ato formal e convencional através do qual o indivíduo manifesta seu respeito e sua consideração por um objeto de valor absoluto ou por sua representação (JOSEPH, 2000, p. 28).
- ⁷ Molho feito do suco da mandioca e uma pitada de sal, alho e pimenta de cheiro. Utilizado para compor as comidas típicas da gastronomia paraense: o tacacá e o pato-no-tucupi.
- ⁸ A gestão do mercado do Ver-o-Peso é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Belém (PMB), através da Secretaria Municipal de Economia (SECON) e do Departamento de Feiras e Mercados (DFM). Contudo, há um mix de órgãos municipais desenvolvendo atividades no local, como por exemplo, a Guarda Municipal de Belém (GMB), os Agentes de Fiscalização da SESAN, Vigilância Sanitária (SESMA), Secretaria de Meio Ambiente (SEMMA), dentre outros.